



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: MAÍRA CARVALHO
ÁREA: CINEMA/ÉTICA

Ética e construção de personagem
*Análise dos filmes **Todos os homens do presidente** e **O preço de uma verdade***

Helinéia Suassuna Osório
RA 2071203/8

Brasília, novembro de 2010

Helinéia Suassuna Osório

Ética e construção de personagem
Análise dos filmes *Todos os homens do presidente* e *O preço de uma verdade*

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Mestre Máira Carvalho

Brasília, novembro de 2010

Helinéia Suassuna Osório

Ética e construção de personagem
Análise dos filmes *Todos os homens do presidente* e *O preço de uma verdade*

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof(a). Máira Carvalho
Orientadora

Prof. Luiz Claudio Ferreira
Examinador

Prof. Sérgio Euclides de Souza
Examinador

Brasília, novembro de 2010

Dedicatória

O esforço de quatro anos não foi em vão porque as pessoas mais importantes da minha vida estiveram ao meu lado. Dedico este trabalho a razão do meu viver: Rubinea Osório Suassuna, Terezinha Francisca da Silva, Victória Heloiza Suassuna Osório e Hélio Suassuna Ferreira.

Não poderia me esquecer da melhor amiga que alguém pode ter. A única amiga que poderia assistir a apresentação da minha monografia. Meu sol, o sol que agora ilumina lá de cima. Dedico minhas palavras a você, Solange Malaine Domingos de Almeida, minha eterna melhor amiga.

Agradecimentos

Sobre irmãos de sangue:

Um simples agradecimento pode não ser suficiente diante tudo o que devo as três pessoas mais importantes da minha vida. Mas, pelo menos, demonstra o tamanho da minha gratidão e reconhecimento do valor que cada um deles tem em minha história. Agradeço por todos os dias em que tiveram que aguentar o meu mau humor, o meu choro de cansaço, a minha raiva por alguma nota baixa, o meu orgulho, o meu desespero pela falta de dinheiro, as minhas saídas que só terminavam após as 4 horas da madrugada, o meu descontentamento, a vontade de desistir de tudo, a minha cara feia diante de algo que não me agrada, a vontade de sumir ou, até mesmo, a minha constante mania em parecer tão alegre a ponto de encher a paciência.

Se felicidade é estar ao lado das pessoas que mais se ama então posso dizer que sou muito feliz e agradecida. Todos os problemas parecem pequenos diante do amor verdadeiro. Tenho ao meu lado a coisa mais importante da minha vida, a minha base, o meu chão, o meu tudo, a minha família. Obrigada, mãe, por ter me segurado em sua barriga, por ter cuidado de mim e por cuidar até hoje, por me amar do jeito que sou, por torcer por mim até mais do que torce por você mesma. Obrigada por ser minha grande amiga, além de mãe. Obrigada irmã, por cada noite de conversa, por ser minha verdadeira amiga, por ser minha irmã, por existir, por também torcer por mim, por ser tão madura, por me amar, por me deixar te amar. E obrigada pai, por cada palavra que não foi dita, mas foi compreendida, por ter me mostrado o valor do trabalho, e por sempre ter sido determinado diante de todos os problemas. Saiba que me espelho nisso tudo. Sou um pouco de cada um de vocês. Meu primeiro agradecimento não poderia deixar de ser para os três.

Eis que antes mesmo desses três existirem, já existia uma bela mulher lá no interior da Paraíba. Terezinha, minha avó. Uma mulher com um nome forte como ela. Saber que tenho uma avó tão firme diante dos problemas, tão amável diante dos meus problemas, tão carinhosa, mesmo sem ter recebido esse parâmetro quando pequena, tão humilde que até sinto vontade de chorar, tão sofrida que quero bater em quem já te fez sofrer, tão esperta e consciente de tudo, tão capaz de ser e fazer

sempre o melhor, tão minha avó... Tudo isso só me faz ter a certeza de que viver vale muito. Família é tudo e a senhora é tudo para mim. Fique ao meu lado por mais uns 100 anos. Te amo demais.

Sobre os irmãos que escolhi:

Mas é sempre importante saber reconhecer que, independente de laços sanguíneos, algumas pessoas entram na vida de outras e ficam. Ao ficarem, marcam. Podem marcar por me ensinarem algo que eu ainda não sabia, podem marcar por demonstrarem imensa gratidão diante das minhas dificuldades, podem marcar por me protegerem ou por serem protegidas por mim ou podem marcar apenas por me amarem e/ou por serem amadas por mim.

Quando eu ainda tinha 13 anos de idade, conheci a minha melhor amiga. É claro que naquela época eu não fazia ideia que ela seria tão única em minha vida, nem que me deixaria tão cedo. E quando finalmente viramos amigas, lá no alto dos meus 15,16 anos, pude sentir o quanto éramos parecidas. Ela orgulhosa, eu ainda mais; eu ciumenta, ela ainda mais. Duas inseguras que viviam morrendo de medo de perder a amizade dos outros; duas briguentas que viviam tentando parecer maduras, quando, no fundo eram duas crianças.

O tempo foi passando, deixamos a escola, mas não deixamos uma à outra. Algo bem mais forte nos mantinha sempre unidas. Cada vez mais. Fiz novas amizades; ela também. Mas sempre que nos encontrávamos, seja pessoalmente, seja pela internet, seja em cartas, seja em homenagens no meu blog, ela sempre encontrava uma maneira de me dizer que eu jamais deixaria de ser a melhor amiga dela. Sim, hoje assumo, ela falava bem mais para os outros que eu era a melhor amiga dela, do que eu falava que ela era a minha melhor. Mas faço questão de dizer que amiga igual a Sol eu jamais encontrarei. Faço questão de dizer que fui muito sortuda por ter uma amizade como a dela. Muitos passam a vida inteira sem ter uma amiga tão irmã por perto, sem ter uma irmã que apesar de não carregar o mesmo sangue, carrega o mesmo coração, de modo que o que fizerem de ruim a uma, será sentido pela outra.

Mas Deus, meu pai, decidiu que após 21 anos de vida, ela deveria não estar mais entre nós aqui da terra. Mas nem por isso eu deixarei de tê-la comigo, nem por

isso ela não estará na apresentação da minha monografia, nem por isso deixarei de agradecê-la pela amizade que me dedicou, por tudo o que sempre foi para mim. Até porque, com a Solange Malaine, sempre fui a melhor Helinéia, sempre tive as melhores gargalhadas, os melhores momentos de não fazer nada, as brigas mais engraçadas. Com ela sempre estive mais perto da perfeição, mais perto da bondade. Ao lado dela sempre fui feliz, sempre pude acreditar na confiança que se pode depositar em alguém, sempre me senti o máximo, sempre me senti uma mãe que tanto insiste em proteger o filho. Com ela passei a acreditar na força do amor. Encontrei todo esse amor na amizade dela, com ela passei a acreditar que amizades podem significar uma irmandade eterna. Ao lado dela eu simplesmente não conseguia esconder um sorriso de reprovação, de crítica ou de felicidade.

De você, Sol, nunca conseguirei esquecer. Você sempre estará em minhas orações, em meus pensamentos, em meu dia-a-dia. Estarei sempre olhando para o céu à sua procura. Estarei sempre te procurando em outros sorrisos. Você sempre será a minha melhor amiga. Sempre ficarei alegre por saber que pude te fazer sorrir. Sempre te amarei, sempre! Muito obrigada por tudo, por esse tudo que dispensa até palavras.

Aprendizado

Quando eu ainda era uma menina, aos 19 anos de idade, conheci essa pessoa. Eu sinceramente não gostava dele. De todos os professores da faculdade, era o único que eu fazia questão de dizer que se pudesse mataria. Acontece que após dois anos, ele entrou em minha vida de uma maneira tão intensa, que o ódio se transformou em amor. Passei a acreditar ainda mais que o amor e o ódio andam lado a lado.

Eis que ele me fez entender, sem nem mesmo saber, que um namoro, que um noivado é muito pouco perto do que podemos sentir por alguém. Ele me ensinou a amar sem a necessidade de rótulos e a entender que não posso agir somente com o coração, a cabeça existe para ser usada.

Hoje, apesar de tudo, o tenho como um grande amigo, como alguém que devo muito e que nunca conseguirei recompensar. Até porque, quando pensei que

não daria conta, Deus o retirou de seu lugar e o colocou diante de mim mais uma vez. Sim, ele provavelmente dirá que o mérito é dele e não de Deus.

Muito obrigada por todo apoio, por toda força, por cada letra, por cada vírgula ou ponto final, Paulo Paniago. Ao seu lado cresci o que não cresceria em 20 anos. Sempre serei grata por tudo o que me ensinou e, por incrível que pareça, por ter me deixado te ensinar algumas coisas também.

Felicidade

Como posso me esquecer de dois amigos que estiveram ao meu lado desde o início do curso? Como poderei esquecer-me de cada momento que passei ao lado deles? Cada gargalhada, cada ato insano, cada gravação de programas de comédia, cada briga, cada abraço que significava um “pode contar comigo”, cada brincadeira, o dia em que fomos ao parque e quase fiz xixi na roupa de tanto rir, o dia em que me disseram que eu era a musa dos dois, o dia em que percebi que eu acabava fazendo tudo o que eles queriam, o dia em que eles me deram ovada quando fiz 22 anos de idade, o dia em que percebi que ao lado deles poderia voltar a ser criança.

Como posso me esquecer de todas as vezes em que um deles sacaneou todo mundo e sempre apelou quando era sacaneado. Como posso me esquecer quando um deles estava com raiva, mas, mesmo assim, queria parecer o maduro que não ficava com raiva por nada.

Tudo isso, cada segundo ao lado deles está guardado na minha mente. Não só agradeço por terem me feito muito feliz nesses quatro anos de faculdade, como peço para que nunca saiam da minha vida. Eu amo vocês, Felipe Motta e Tiago Fernandes. Meus futuros jornalistas e eternos melhores amigos.

Crescimento

Por último e não menos importante agradeço a minha orientadora, Maira Carvalho, pela paciência e apoio em um momento tão difícil e importante de minha vida. Você, sem sombra de dúvidas, foi decisiva nesse momento crucial. Confiou em mim quando nem eu mesma confiava. Muito obrigada, muito obrigada.

Agradeço a todos os familiares e amigos, especialmente à Luana Saldanha, Caroline Livia, Gabriela Almeida, Nathália de Freitas, Esther Caroline Soriano, Gislene Marques, William Rodrigues, Rachel Castro, Suelen Antunes, Monalisa Madeira, Melanie Farah, Kenney Macedo, Edmar Azevedo, Marcus Vynicius de Assis e Cássia França; a todos os bons professores que tive - Luiz Claudio, Sérgio Euclides e Paulo Paniago, os melhores, com toda certeza -; a todos os queridíssimos funcionários do Ceub, que sempre me atenderam com imenso carinho; a todos os futuros colegas de profissão que estiveram no mesmo barco que eu por esses anos; a todos que de uma maneira ou de outra contribuíram para o meu crescimento pessoal.

Chegar até aqui, significa carregar um pouco de cada um que passou e, de alguma maneira, continua em minha vida. Saio do outro lado, com certeza, mais madura e mais preparada para os obstáculos da vida. Me sinto muito bem em poder agradecer e dizer que muitas pessoas contribuíram para o meu desenvolvimento.

“O jornalismo é a arte de captar comportamentos.”
Stephen Glass, personagem de *O preço de uma verdade*.

“Reputação... reputação... reputação, é a única parte imortal do homem”.
William Shakespeare.

Sumário

1	Introdução.....	12
1.1	Tema.....	13
1.2	Justificativa.....	14
1.3	Objetivos.....	14
1.3.1	Objetivo geral.....	14
1.3.2	Objetivos específicos.....	15
1.4	Problema de pesquisa.....	15
1.5	Metodologia.....	15
2	É questão de ética.....	17
2.1	Jornalismo com ética.....	20
2.1.1	Jornalismo representa vários pontos de vista.....	23
3	Personagem: o que se representa.....	24
3.1	O personagem segundo Hegel.....	24
3.1.1	Caracterização do personagem.....	25
3.2	O personagem em cena.....	27
4	Câmera, ação.....	29
4.1	Todos os homens do presidente.....	29
4.1.1	Filme: um ponto de vista.....	29
4.1.2	O caso Watergate.....	30
4.1.3	No filme: Bob e Carl.....	32
4.1.4	eticamente falando.....	33
4.1.5	Quanto aos personagens.....	34
4.2	O preço de uma verdade.....	35
4.2.1	Personagem: outro ponto de vista.....	35
4.2.2	E quanto à ética?.....	38
4.2.3	Stephen Glass: quanto ao personagem.....	40
4.3	Consequência.....	40
4.3.1	Verdade ou mentira.....	40
5	Considerações finais.....	44
6.1	Verdade ou mentira.....	44
	Referências.....	47

1 Introdução

O que um jornalista deve fazer ao se deparar com a possibilidade de conseguir uma informação ultra-secreta apenas se passando por outra pessoa? O que um profissional deve fazer ao descobrir que tal fonte só passará as informações se receber dinheiro em troca? Ou pior, o que fazer ao receber uma enorme quantia em dinheiro, dinheiro que poderia servir para a tão sonhada compra do apartamento e em troca precisar escrever exatamente aquilo que favorecerá alguém? Estas são perguntas talvez difíceis demais para um jornalista que facilmente é induzido ao erro, à falsificação, à mentira ou mesmo para um jornalista da ficção. Podem ser difíceis também para algum jornalista desacreditado do valor que o jornalismo ético pode ter.

Não se pode negar que algumas maneiras estratégicas para se obter informações difíceis nunca foi uma atitude antiética. O erro pode estar naquilo que pode ser descoberto sem mentira e, ainda assim, a verdade não é dita. O jornalista, em muitos momentos, se depara com assuntos que podem e devem ser desvendados sem a necessidade de mentiras. Mas o que fazer quando o profissional ainda parece depender da mentira para atuar? O problema está na mentira que é dita, na mentira que é repassada à sociedade, o problema está na falta de preocupação com o próximo, na falta de ética.

Independente de indagações como essas, não são as atitudes antiéticas que regem a profissão e sim as atitudes corretas, embasadas na verdade. Ainda assim, não se pode esquecer que são os erros cometidos por profissionais desonestos que marcam a memória das pessoas. Como confiar em um jornalista que ao invés de passar o que realmente ocorreu prefere criar fatos? Como não poder confiar em quem prometeu trabalhar em prol da sociedade? Honestidade no jornalismo não é apenas um valor, é uma das razões para a existência de tal trabalho. Agir sem verdade transmitirá mentiras para a sociedade. Será essa a maneira correta de informá-la? Acredito que não.

Os dois filmes escolhidos como material de pesquisa e comparação (*Todos os homens do presidente*, de Alan J. Pakula, 1976, Estados Unidos e *O preço de uma verdade*, de Billy Ray, 2003, Estados Unidos) para este trabalho, representam, de forma clara, os dois lados da questão: a verdade que, quando bem apurada, chega até a sociedade como forma de merecimento, ou seja, os jornalistas trazem a verdade para a sociedade por ela ser merecedora e por ter o direito de recebê-la; e

a mentira que chega, fica durante um tempo, mas não pode ser utilizada como parâmetro, e só demonstra o quanto um jornalista mentiroso é capaz de desfazer o elo que existe entre a comunicação e a sociedade: um depende do outro para existir; e um depende do trabalho do outro para ser divulgado. E assim pode ser tanto na vida real, quanto no cinema.

Não se pode negar que mesmo desconfiando daquilo que é divulgado pela mídia, a sociedade acredita no trabalho da imprensa e utiliza a informação que recebe como ponto de partida para o início de um dia, por exemplo, para estar a par do que acontece do outro lado do mundo, para se imaginar na mesma situação em que alguém se encontra, de acordo com as informações do jornal do dia.

O cinema, por sua vez, imita a vida real. Neste caso, apresenta aquilo que os jornalistas vivem enquanto realizam o ofício. Por isso mesmo, não se pode negar o papel de comunicador que o cinema possui. Além disso, um personagem de cinema pode ditar novas atitudes aos personagens da vida real, a partir de determinada história vivida nas telas.

1.1 Tema

Ainda na faculdade, estudantes de jornalismo aprendem que o dever do profissional é ser honesto, ético, capaz de falar a verdade e jamais criar fatos em troca de audiência. Mas como isso funciona na prática, na vida profissional, quando esses alunos deixam a faculdade? Para procurar responder questões assim, esta monografia escolheu como recorte analisar dois filmes que trabalham a questão da ética, comparando-a com aquela atitude que se “espera” de um jornalista na vida real. Aliás, como personagens cinematográficos podem representar a ética de alguns jornalistas; e como compará-la com a moral que os estudantes aprendem ainda na faculdade? Os dois filmes são: *Todos os homens do presidente*, de Alan J. Pakula, que representa jornalistas que trabalham à procura da verdade; e *O preço de uma verdade*, de Billy Ray, que mostra um jornalista que não tem respeito pelos valores que norteiam a profissão.

Aqui, pretendo analisar esses dois filmes que apresentam o interior e o exterior de personagens jornalistas. Quais os comportamentos, qual o caráter destes

jornalistas, quais as escolhas que ratificam a personalidade de cada um. Os filmes serão comparados entre si e também com a atitude que se espera de um profissional no decorrer da profissão.

1.2 Justificativa

Há uma ética que se aprende nas escolas de jornalismo, teórica. A mesma que faz falta no ambiente de trabalho, em uma redação, por exemplo. O dia-a-dia, as cobranças, as imposições dos chefes, tudo isso é utilizado, em muitos momentos, como justificativa para passar por cima dos valores adquiridos, ou reformá-los completamente para se adotar práticas indignas. Na sociedade contemporânea, princípios rígidos parecem não ter vez e ética é um valor impalpável, infelizmente.

Esse conflito não é exatamente recente, e só leva a crer que há uma mudança de rumos na discussão. Portanto, todo cuidado no tratamento dessa questão é sempre necessário. Há que se levar em conta que a sociedade mantém uma relação ambígua com o trabalho da imprensa: considera-o importante, uma vez que é o que a mantém informada sobre o que acontece, mas desconfia ao mesmo tempo da qualidade, dos mecanismos de apuração, da veracidade do que é apresentado como sendo relevante nos fatos relatados.

Filmes como os escolhidos para este trabalho apresentam os dois lados da história: tanto o daquele jornalista que inventa histórias em prol de audiência, como o jornalista que é capaz de tudo para se conseguir a verdade e trazê-la a público. Além de funcionarem como base para uma análise mais profunda no que tange às atitudes conhecidas como as mais corretas para o exercício da profissão.

1.3 Objetivo

1.3.1 Objetivo Geral

Determinar de que maneira os dois filmes escolhidos representam o jornalista, no que tange à ética ou a falta dela neste profissional. De um lado, profissionais

engajados com a verdade; de outro, um jornalista que cria fatos para garantir o sucesso profissional.

1.3.2 Objetivos específicos

- 1- Analisar de que maneira cada filme apresenta o jornalista
- 2- Verificar se o personagem jornalista do cinema é capaz de representar aquele jornalista da vida real
- 3- Analisar a importância de certas atitudes que se esperam de um jornalista ético

1.4 Problema de pesquisa

- As atitudes de um personagem em um filme podem representar aquilo que o jornalista é na profissão?
- Qual a atitude que se espera, de acordo com teóricos, de um jornalista durante o exercício da profissão?
- Como a ética trabalhada no cinema pode representar os profissionais do jornalismo?
- É possível se reforçar a importância da ética profissional, demonstrando a participação do cinema nessa evolução?

1.5 Metodologia

O desenrolar desta pesquisa terá base no estudo de caso, considerado um tipo de pesquisa qualitativa. Para Robert K. Yin, em seu livro *Estudo de caso Planejamento e Métodos*, a técnica é determinante e bastante utilizada nos casos em que “o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 1994, p. 19).

O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, “mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são

incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas” (YIN, 1994, p. 27).

O estudo de caso tem a capacidade de lidar com uma grande variedade de evidências – documentos, entrevistas, artefatos e observações. É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. No caso deste trabalho, utilizarei dois filmes como ferramentas de análise.

Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

A essência de um estudo de caso, a principal tendência em todos os tipos de estudo de caso, é que ela tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados. (SCHRAMM *apud* YIN, 1971, p. 31)

Os estudos de caso podem ser essencialmente *exploratórios*, servindo para obter informação preliminar a cerca do respectivo objeto de interesse. Podem ser fundamentalmente *descritivos*, tendo como propósito essencial descrever como é o caso em estudo. E *analíticos*, procurando problematizar o objeto, construir ou desenvolver nova teoria ou confrontá-la com a teoria já existente.

Pretendo analisar os filmes *Todos os homens do presidente* e *O preço de uma verdade* à luz da ética que se espera de um jornalista, aquela defendida por teóricos. Portanto, aqui se encaixa o estudo de caso exploratório, pois utilizarei ambos os filmes e também a noção de ética como material que fornecerá informações preliminares acerca daquilo que desejo alcançar: reforçar a importância da ética profissional e demonstrar a participação do cinema nessa evolução.

É necessário se explicar também que o estudo de caso pode incluir tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos. Especificamente neste trabalho, serão estudados casos múltiplos.

2 É questão de ética

Ética é, antes de tudo, agir com respeito pelo próximo, ter consideração por aquilo que o outro é, saber compreender que ninguém é igual a ninguém, mas que ainda assim, a consideração capaz de ser dedicada ao outro pode ser sempre superior a qualquer atitude antiética. Agir eticamente, muitas vezes, pode ultrapassar o limite da preocupação com si próprio e com aquilo que se deseja alcançar, mas jamais deixará de representar um bem maior dedicado ao próximo e àquilo que se espera receber em troca.

A palavra ética vem do grego *ethos*, que virou *ethica* em latim e em grego significa “costume”. De acordo com Caio Túlio Costa, no livro *Ética, jornalismo e nova mídia* (2009) a palavra ética teria sido usada pela primeira vez por Homero, na *Iliada*, com o significado de “morada”. É como se a ética fosse o começo de tudo – inclusive de qualquer relacionamento interpessoal. O agir eticamente causa conforto ao próximo, diante de qualquer contato pessoal.

Caio Túlio Costa explica que antes de significar algo ligado à virtude, conforme registra Olgária Matos, *ethos* significava “pertencimento luminoso, a partir do qual construir e habitar são tarefas que participam do sagrado, da indivisão antiga entre os homens, a natureza e os deuses” (MATOS *apud* COSTA, 2009, p. 19). É como se a escolha pela atitude ética fosse também uma questão de honra, de caráter; a falta de ética significa afetar profundamente o caráter das pessoas.

Antes de tudo, gostaria de deixar claro que para mim, ética e moral são sinônimos. Costa tem melhor explicação em relação a essa questão:

A ética, a ciência da conduta, trata dos conceitos que envolvem o raciocínio prático, como o bem, a ação correta, o dever, a obrigação, a virtude, a liberdade, a racionalidade, a escolha. A ética estuda a moral. Embora ambas possam ser entendidas como a mesma coisa, a moral em geral é restringida a sistemas como o de Kant – que se baseia em noções de dever, obrigação e princípios de conduta –, enquanto a ética se limita ao dito raciocínio prático. (COSTA, 2009, p. 19)

Apesar de ser essencial na prática de qualquer profissão, a ética acaba sendo, em muitos momentos, vista como um bem inatingível, aliás, como um bem

desnecessário. Talvez seja importante agir eticamente com um estranho, até porque um estranho não tem porque não ser bem tratado.

Em muitos momentos, é fácil se esquecer do valor da ética, talvez porque esse seja um bem imaterial, impalpável, representado apenas nas atitudes das pessoas. Não se pode pegar a ética com as mãos. Ela se apresenta naquilo que sou capaz de fazer em prol do bem do próximo. Ainda assim, a falta dela pode mudar o rumo de muita coisa.

O pensador alemão Immanuel Kant acreditava que o dever era o que fazia com que a sociedade agisse com ética. É o que explica Álvaro L. M. Valls no livro *O que é ética*. Para ele, agir com moral, agir eticamente, são valores que estão acima de tudo.

“Diante de cada lei, de cada ordem, de cada costume, o sujeito está obrigado, para ser um homem livre, a perguntar qual é o seu dever, e a agir somente de acordo com o seu dever, e isso, exclusivamente, por ser o seu dever” (VALLS, 1986, p. 20).

Se para Kant a ética estava ligada à questão da liberdade e do dever, para Costa a ética no jornalismo está estreitamente atrelada à verdade, porque esta sempre será parcial, incompleta, “à parte algumas exceções”. “A verdade será variável na medida em que se desenvolve o nosso conhecimento do objeto determinado” (COSTA, 2009, p. 22). Ou seja, é como se a verdade plena e absoluta fosse muito difícil de ser alcançada.

Para o professor e escritor Roger Silverstone, no livro *Por que estudar a mídia?*, de 2002, ao me relacionar com os outros (em sociedade) posso agir com reciprocidade, e agir com reciprocidade corrobora com a moral de cada um. Ao me relacionar com o outro, preciso levá-lo em conta. A partir disso, posso agir eticamente ou não.

Citando Collin Davis, Silverstone defende que ao levar o outro em conta,

Sou confrontado com escolhas reais entre responsabilidade e obrigação em relação ao outro. O outro me investe de genuína liberdade e será beneficiário ou vítima da maneira como decido exercê-la (DAVIS *apud* SILVERSTONE, 2002, p. 248).

Ninguém é obrigado a ter consideração por um amigo, por exemplo. Essa consideração, na realidade, é oriunda da capacidade que cada um possui de achar importante agir corretamente ou não, além disso, da capacidade de agir eticamente com aqueles que se ama. Como esperar que alguém que é capaz de mentir para o próprio irmão diga apenas a verdade para aquele que não possui qualquer laço sanguíneo com ele?

O sociólogo Zygmunt Bauman acredita que a sociedade não é mais vista como garantia imprescindível da ordem moral, mas como uma solução para a sociedade explorá-la ou expulsá-la. De outra parte, o que sobra?

Inversamente, o comportamento imoral, uma conduta que abandona ou se abdica da responsabilidade pelo outro, não é um efeito do mau funcionamento social. É, portanto, a incidência do comportamento imoral, em vez do moral, que pede a investigação da administração social da subjetividade. (BAUMAN *apud* SILVERSTONE, 2002, p. 251).

Em contrapartida, parto do pressuposto de que a moral é, sim, um produto da sociedade, um produto do ser humano. Até porque, no fundo, é como se tudo tivesse certa relação com a ética. Independente de todos os códigos éticos existentes, de nada adiantaria a existência dos mesmos, caso ninguém os levasse em conta.

Francisco José Karam defende essa ideia no livro *Jornalismo, ética e liberdade*, de 1997: “Não é possível a existência de alguma coisa que, tendo significado humano, não possua alguma conexão, por remota que seja, com uma moralidade constituída precisamente pelos homens em sua trajetória” (KARAM, 1997, p. 33).

Portanto, por mais que a faculdade de jornalismo ensine aos futuros jornalistas aquilo que eles podem e ou não devem fazer, acredito, assim como Karam, que a ética é um produto do ser humano e principalmente um produto colocado em prova a cada novo contato com o próximo.

Antes de aprender a ética profissional, cada um possui uma ética que vem desde sempre consigo. Cada um possui um limite, um até onde posso ir, até onde sou capaz de ir para conseguir algo.

2.1 Jornalismo com ética

A ética é, antes de tudo, um parâmetro que diz como a sociedade deve agir diante dos fatos. Neste caso, como um profissional da comunicação deve agir. Determinadas situações ratificam a importância de atitudes éticas no decorrer da profissão.

No jornalismo, a ética deve estar constantemente em todas as atitudes do profissional. Caio Túlio Costa apresenta informações que corroboram as atitudes de determinados jornalistas, observando que o que para uns é incorreto, para outros é o motivo pelo qual o acontecimento deve ser divulgado.

Enquanto para determinados veículos de comunicação o respeito à privacidade e à preservação da vida são argumentos contra a publicação de notícias de sequestro, para outros argumentos semelhantes justificam a publicação. O mesmo vale para casos de invasão de privacidade, uso de câmeras ocultas, gravações clandestinas, recurso a mentiras ou disfarces para se obterem informações confidenciais – entre outras decisões balizadas por pretextos éticos tanto para referendar quanto para contestar que fins honrosos exigiriam meios ilícitos ou discutíveis na apuração da informação. (COSTA, 2009, p. 18)

Costa defende que quando um jornalista mente, inventa ou aumenta para conseguir audiência ou mesmo apenas para conseguir informar em primeira mão, este utiliza “código” semelhante ao “código moral temporário”. Trata-se de expressão criada pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre, isso porque “serve provisoriamente para uma determinada situação que requer, por exemplo, meios moralmente condenáveis para conseguir fins moralmente defensáveis” (COSTA, 2009, p. 253). É necessário destacar que a existência do termo não diminui a atitude antiética.

Sua moral provisória, portanto imperfeita, é convocada quando ele precisa dela interinamente, por uma razão qualquer que a moral idealizada por ele não acobertaria – quando, por exemplo, necessita contar uma “mentirinha” ou precisa usar uma “meia verdade” para alcançar algum objetivo que considera nobre. Então ele esgrime o seu código moral provisório exatamente como Sartre usa o seu código moral temporário. (COSTA, 2009, p. 253)

Sabe-se que talvez a verdade nem exista em absoluto. Mas a ética, a moral é o que mais se aproxima da verdade que se espera de um jornalista. Escrever uma matéria com todos os lados da questão; escrever exatamente o que a fonte disse; não criar fatos; utilizar a pirâmide invertida (garantindo que as informações mais

importantes estejam no topo da matéria): tudo isso contribui para que a verdade prevaleça e para que o jornalismo não se torne outra coisa qualquer.

Costa explica ainda que a atitude ética e a antiética caminham lado a lado no jornalismo, porque é justamente a falta ou a presença desta que pode atribuir ou retirar a credibilidade de um jornalista ou do veículo para o qual ele trabalha. “A concepção ética carrega consigo a noção do antiético” (COSTA, 2009, p. 258).

Ser honesto no jornalismo não é apenas saber ouvir o outro lado da história. Querer dar voz também, por exemplo, àquele que possivelmente foi acusado de algo não é o suficiente. O jornalista ético, de acordo com Luiz Garcia, editor de opinião do jornal *O Globo*, tenta descobrir o que a história tem de verdade ou mesmo se ela não é verdadeira (ROBSON FRAGA, 2009, internet).

A regulamentação do jornalismo está em discussão no Supremo Tribunal Federal mais uma vez. Até o presente momento trata-se de uma profissão que não exige diploma para a prática do ofício, mas nem por isso pode ser praticada de qualquer maneira. Muito pelo contrário. Bill Kovach e Tom Rosenstiel destacaram no livro *Os elementos do jornalismo* (2003), alguns princípios que devem ser seguidos pelos jornalistas, e os cidadãos têm o direito de cobrar da massa jornalística. São eles:

- 1 A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade
- 2 Sua primeira lealdade é com os cidadãos
- 3 Sua essência é a disciplina da verificação
- 4 Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem
- 5 O jornalismo deve ser um monitor independente do poder
- 6 O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público
- 7 O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante
- 8 O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional
- 9 Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 22-3).

Utilizando como base esses pontos destacados por Kovach e Rosenstiel, é possível verificar que a ética perpassa cada um deles e também é oriunda das escolhas pessoais. Ou seja, antes de alguém ser jornalista este pode, por exemplo, ser amigo de algum político e por esse motivo faltar com a ética profissional. Não se pode obrigar que determinado profissional seja sempre ético. Essa escolha é pessoal.

O jornalismo é, antes de tudo, uma profissão que trabalha para o social, para o público, em prol do conhecimento do público. Mas algumas questões parecem sem resposta. Karam, em seu livro, se questiona:

Como fazer respeitar a privacidade do cidadão, quando ele está no mundo, e seus atos, em muitos casos, possuem tal relevância que as demais pessoas precisam ter conhecimento deles? Como respeitar a privacidade da pessoa pública, que, na suavidade da noite, vai tecendo uma negociata na qual o Estado perde dinheiro, e, por consequência, o cidadão se vê prejudicado em serviços de saúde, educação, transportes? Como defender um jornalista que, em busca de fama, prestígio e poder envolve, na informação, a vida privada de uma personalidade pública para obter dividendos pessoais e alega, para isso, que o fato possui relevância social? (KARAM, 1997, p. 44)

Acredito que agir eticamente significa saber lidar com a existência das pessoas e a relação entre elas. Significa se preocupar com o outro, o que, na profissão jornalística, deve significar a necessidade de falar a verdade, trate-se de uma pessoa pública ou não. Além da necessidade de se passar à sociedade aquilo que é de interesse dela. Essa questão é complicada. Como confiar na escolha das notícias que vão para o jornal diário?

A ética vem, antes de tudo, de cada um. Costa defende: “Olhar dentro de si seria ver a lei moral que cada um carrega além do passado, da experiência e do conhecimento que a determinam” (COSTA, 2009, p. 93).

2.1.1 Jornalismo representa vários pontos de vista

O trabalho realizado pelos jornalistas abastece a população com informações que possivelmente nortearão a vida de cada um. Ou até mais que isso, como explicam Kovach e Rosenstiel em relação aos poloneses: “O jornalismo servia para construir a comunidade, a cidadania, a democracia” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 29).

Assim como o jornalismo deve defender um ponto de vista, a verdade acima de tudo, o personagem representado no cinema defende um lado, seja ele correto aos olhos dos expectadores ou não.

“A meta principal do jornalismo é contar a verdade de forma que as pessoas disponham de informação para sua própria independência” (JACK FULLER *apud* KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 34). Em contrapartida, depender da imprensa para saber dos eventos acontecidos pode não proporcionar liberdade ou independência total, pois apesar do papel democrático da função jornalística, nem todos os jornalistas relatam a verdade, a realidade. Alguns profissionais preferem trabalhar com a “ficção”.

Existe, na profissão jornalística, uma obrigação moral e social muito mais ampla e eficaz. A missão do jornalista é, muitas vezes, superior a qualquer outra profissão, pois deve ser entendida como algo confiado aos profissionais que devem, ao estarem em poder da informação, proporcionar à sociedade o acesso ao conhecimento verdadeiro.

3 Personagem: o que se representa

3.1 O personagem segundo Hegel

Citando Heráclito, o filósofo pré-socrático grego, Renata Pallottini apresenta alguns pensamentos sobre o personagem em seu livro *Dramaturgia*: “Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio; igualmente, nenhum personagem cumpre duas vezes a mesma ação, tem duas vezes o mesmo pensamento, repete qualquer movimento ou gesto” (PALLOTTINI, 1989, p. 26). Por esse motivo, é necessário prestar atenção a cada momento e atitude do personagem. As ações iniciais de um ator em um filme podem ratificar o final da história.

Hegel acreditava que a ideia geral de uma peça de teatro e os personagens devem estar ligados entre si “de maneira viva”. Para ele, a obra representava o “mundo moral” sob a forma dos próprios objetos exteriores. Ou seja, as ações que são desenvolvidas em uma peça ou em um filme são oriundas “dos poderes morais humanos ou divinos e dos obstáculos exteriores” (HEGEL *apud* PALLOTTINI, 1989, p. 26).

Baseado na ideia que Hegel tinha do personagem, pode-se afirmar que os personagens sofrem, sentem, buscam um desejo que nem sempre está escancarado, vão à procura da realização daquilo que esperam, caminham em prol do final tão perseguido desde o início.

Segundo Hegel, os fins que são perseguidos pelos personagens, na ação dramática, devem ser de interesse geral da natureza humana, ou ao menos produto de uma paixão que seja potente e séria para o povo ao qual se dirige o poeta. Trata-se aqui do particular dentro do universal; alguma coisa que, referida à experiência, às crenças, diríamos modernamente, à cultura de um povo, encontre nele ressonância. (PALLOTTINI, 1989, p. 28)

Na realidade, é importante que as paixões humanas sejam representadas no cinema, pois o telespectador se enxerga, em muitos momentos, naquilo que assiste. Além disso, não se pode esquecer que as histórias vividas pelos personagens nas telas são, muitas vezes, histórias já vividas por personagens da vida real ou mesmo narrativas que se iniciam no cinema e norteiam as atitudes humanas, que buscam realizar na vida real aquilo representado no cinema.

Hegel acreditava que em muitos momentos, grandes artistas deram saltos e fizeram com que a sociedade se adiantasse em relação a determinado assunto. Atitudes como essas podem desfazer preconceitos quanto à raça, credo, costumes, sexualidade etc. “Se o poeta revelar uma visão elevada do mundo, é-lhe permitido opor-se ao público do seu tempo, para guiá-lo” (HEGEL *apud* PALLOTTINI, 1989, p. 29).

Hegel defendia que o personagem era a representação da individualidade total, ou seja, a representação artística ideal, justamente por se demonstrar verdadeiramente livre.

No estudo do personagem, se deve considerar, em primeiro lugar, o seu aspecto de individualidade total, enquanto riqueza de caráter; depois, é preciso considerá-lo como particularidade, como caráter mais determinado; finalmente, o personagem deve ser considerado como caráter uno em si, que parte do geral, é individualizado, e se torna um ser para si, um caráter firme e estável, já individualizado e pronto, a partir de sua origem. (HEGEL *apud* PALLOTTINI, 1989, p. 35)

O personagem é parte de algo único, de atitudes muitas vezes isoladas e se unem ao todo do filme. É certo que atitudes realizadas por um único personagem podem modificar completamente o rumo da história. De maneira que um filme é repleto de personagens que unidos dão sentido a história, repleto de momentos que atrelados uns aos outros dão movimento às cenas.

3.1.1 Caracterização do personagem

O diretor teatral e dramaturgo Augusto Boal acredita que o personagem-sujeito apenas tem a sua liberdade limitada, cerceada, a partir do momento que a vontade de outro personagem-sujeito, igualmente livre, se manifesta. Já dizia Boal: “O personagem nunca ‘é sujeito absoluto e sim objeto de forças econômicas ou sociais, às quais responde e em virtude das quais atua’” (BOAL *apud* PALLOTTINI, 1989, p. 38).

Mas independente de qual seja a motivação do personagem, é necessário, antes de tudo, que este seja crível. “De pouco nos valerá que o autor ajunte detalhe sobre detalhe a respeito do seu personagem se, ao final, esse personagem não se

configurou como um ser viável, crível, passível de se assenorear da nossa imaginação e da nossa sede de verdade” (PALLOTTINI, 1989, p. 63), ratificou Pallottini.

A escolha de um personagem está intimamente ligada à possibilidade de este marcar a memória dos que assistem ao filme. O filme é criado com o intuito de que a sociedade lembre-se dele. O personagem pode se parecer com alguém que participa do dia a dia da dona de casa; o jornalista que inventa pautas no filme pode ser tão mentiroso quanto o meu colega de trabalho etc.

Mas o que leva um diretor a escolher determinado assunto para um filme? É certo que a preocupação com a audiência deve estar em primeiro plano. Mas, antes de tudo, o diretor precisa conhecer o personagem: saber das angustias, das alegrias, da família, do passado, da profissão, dos desejos, dos amores, das necessidades, até mesmo da vestimenta etc.

Um personagem, de acordo com o escritor Syd Field, é criado com base no interior, “desde o nascimento até o momento e que o filme começa” e no exterior (do início ao fim do filme). O interior forma o personagem; o exterior revela-o (FIELD, 1979, p. 19).

Além disso, Syd Field explica que personagem “é um ponto de vista” (FIELD, 1979, p. 27), ou seja, uma opinião que é defendida no filme por meio do personagem, portanto, ao trazer à tona um jornalista que é capaz de tudo, sem nenhuma mentira para conseguir uma informação e publicá-la em um jornal, o diretor acaba fazendo com que a sociedade pense sobre o assunto. Acredito que todos têm um ponto de vista a ser defendido, o cinema tem o espaço para que alguns pontos sejam ressaltados.

Outra coisa também essencial é a aparência do personagem. Esta pode ser ou não bastante detalhada. Isso fica a cargo do diretor. Mas informações a respeito da constituição física do personagem podem ser fundamentais, considerando-se, ainda, estilo, época e proposta do texto, como argumenta a autora, bem como sexo, idade, aparência, cor, raça, defeitos físicos (caso existam), modos de vestir, maquiagem ou uso de máscaras, gestos peculiares, maneira de falar e sotaque. Além disso,

Naturalmente, o nome do personagem é fundamental – quantas vezes o nome o caracteriza mais que qualquer outra coisa! – e, evidentemente, não se pode dizer que o nome seja um detalhe físico.

É importante mostrar como se coloca o personagem em relação aos outros homens, de que forma ele se insere no seu grupo; como, portanto, se caracteriza socialmente; sua situação na sociedade a que pertence (pobre ou rico); profissão, situação na família, ligações no grupo, convicções políticas e morais, ligações amorosas ou amizades, preconceitos, crença religiosa... (PALLOTTINI, 1989, pp. 64-5)

Em muitos momentos, o nome do personagem ou mesmo o apelido já é mecanismo para que o espectador saiba se se trata de alguém sério ou brincalhão. O menino de família pobre pode ser mais humilde que o menino de família rica. Tudo depende do desenrolar escolhido para a história. Mas algo é certo, a aparência física do personagem é essencial para se saber quem o personagem verdadeiramente é, quais as suas convicções, emoções, sentimentos, raivas, afetividade, qual a sua constituição psicológica etc.

3.2 O personagem em cena

Diante de uma pintura é possível se notar tinta, papel, rabiscos; diante de um filme ou teatro é possível se perceber seres humanos desempenhando papéis, cenas, momentos, trilha sonora etc. Mas o grande fato a ser destacado é que esses mesmos seres da ficção, como que por obra e graça da arte acabam norteando, acabam espelhando a vida, naturalmente imitam a vida de maneira tão próxima que podem alcançar a imortalidade na cabeça das pessoas.

Apesar disso, não se pode negar que, como Beth Brait afirmou no livro *A personagem*, de 2004, “a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionamento” (BRAIT, 2004, pp. 12-3). Esse relacionamento entre a ficção e a maneira como a vida se passa faz com que um sirva de material para o outro.

O faz-de-conta da ficção é capaz de mover milhares de pessoas que jamais se encontraram na vida para as salas de cinema de todo canto, de cada cidade, estado ou país. Um filme que faz sucesso nos Estados Unidos, faz sucesso também aqui no Brasil e em vários outros locais do mundo.

Grandes clássicos têm o jornalismo como tema. *A montanha dos sete abutres*, de 1951, longa de Billy Wilder, trabalhava a questão da falta de ética na prática da profissão. O filme aborda a história de um jornalista que consegue entrar em uma mina onde se encontra um trabalhador preso. Ao invés de salvá-lo, já que o jornalista sabe por onde sair, ele prefere segurá-lo por mais tempo na mina, apenas para garantir manchetes, apenas para garantir o sucesso profissional por meio do fato.

Chuck Tatum (representado por Kirk Douglas) segura o trabalhador na mina sem sentir nenhum peso na consciência. É como se para ele essa atitude fosse a mais correta, é como se para ele fosse uma das atitudes que se espera de um jornalista ético.

Se para Kant, agir com moral seria agir conforme um bem maior, agir conforme o dever que cada um possui, Chuck Tatum não seguiu o dever de jornalista ético ao segurar alguém em uma mina apenas por desejar alcançar o tão desejado sucesso na profissão.

Assim como as representações da vida real são material para o cinema, o cinema também é capaz de ser utilizado como exemplo a ser seguido, ou exemplo a não ser seguido, por meio dos personagens.

4 Câmera, ação

4.1 Todos os homens do presidente

Em 1972, cinco homens são presos em flagrante em meio a uma grande penumbra, no Edifício Watergate, sede do partido democrata, localizado em Washington. Os cinco aparentes ladrões, a princípio, não forneceram indícios para que a polícia ou a imprensa compreendesse a profundidade do escândalo que estava por vir.

O filme, dirigido por Alan J. Pakula e baseado no livro de Robert Upshur Woodward (interpretado por Robert Redford) e Carl Bernstein (Dustin Hoffman) é baseado em fatos reais e conquistou quatro Oscar em 1976 (ano de lançamento do filme): Melhor Ator Coadjuvante, para Jason Robards, Roteiro Adaptado, Direção de Arte e Som.

Não se pode esquecer que o trabalho dos jornalistas do jornal *The Washington Post* incitou, por meio da busca de informações verdadeiras e imparciais, honestas e detalhadas, a renúncia do ex-presidente dos Estados Unidos da América, Richard Nixon, em 9 de agosto de 1974.

4.1.1 Filme: um ponto de vista

Muito além de uma simples cobertura policial, o caso Watergate ganhou vida por meio do trabalho dos dois grandes jornalistas, Woodward e Bernstein. Ambos, imbuídos de enorme garra para descobrirem a verdade, conseguiram fazer com que um amplo caso de espionagem política levasse o então presidente republicano Richard Nixon, eleito em novembro de 1972 para o segundo mandato, à renúncia política.

Os cinco invasores ao Edifício Watergate eram ligados à CIA. Ambos foram flagrados utilizando câmeras e microfones. O que só se descobriu após muita apuração dos jornalistas, foi que essa invasão teria ligação com o partido desfavorável aos democratas, o partido dos republicanos.

Pode-se afirmar que o caso Watergate, mesmo a princípio não estando ao alcance do conhecimento de toda população americana, foi o maior escândalo da política interna na história do país. O caso ganhou proporções inimagináveis graças ao trabalho da imprensa.

Tanto Bernstein quanto Woodward ainda não haviam trabalhado em um assunto que pudesse causar tanto reconhecimento profissional. E não se pode negar que não fosse a vontade em descobrir a verdade por parte dos dois profissionais, talvez essa história não existisse na mente de nenhum americano.

A apuração dos jornalistas começou com pequenas descobertas, que, unidas ao todo da história, proporcionavam ferramentas capazes de aprovar a desconfiança quanto aos aliados do presidente Nixon. Haldeman, o então assessor do presidente, e John Mitchell, ex-secretário de justiça dos Estados Unidos, foram os primeiros suspeitos dos dois jornalistas.

A maior fonte, a que mais pode ter contribuído para a descoberta dos fatos foi W. Mark Felt, o enigmático ex-diretor do FBI que ficou conhecido como “Garganta Profunda” pelo editor de Bob e Carl, Benjamin Bradlee, por causa de um filme pornô. A fonte sempre deu informações em uma garagem em meio à penumbra da noite.

Bernstein e Woodward conseguiram informações de todos os lados, até mesmo de uma colega de trabalho que mantinha relacionamento com um dos envolvidos no escândalo. Ela conseguiu uma lista com todos os funcionários do Comitê de reeleição do presidente Nixon.

Os jornalistas foram de casa em casa à procura de informações sobre o caso. A princípio, não conseguiram conversar com ninguém, mas a insistência dos dois e atitudes estratégicas fizeram com que conseguissem informações sem nem mesmo terem escutado qualquer pronunciamento da boca da fonte. Uma das fontes não queria falar nada sobre o assunto, mas Bernstein acabou ficando seis horas na casa dela e descobrindo os principais suspeitos.

4.1.2 O caso Watergate – De acordo com o livro *O homem secreto*

Tudo começou com o arrombamento ao comitê do partido democrata, no Edifício Watergate, em 17 de junho de 1972. Os cinco homens encontrados dentro do comitê estavam a serviço do Partido Republicano (partido do então presidente

Nixon) e com o objetivo de colher informações sobre a campanha dos democratas, partido oposto.

Na realidade, Bernstein e Woodward levaram o caso do arrombamento adiante, porque ao tentarem obter informações com os possíveis envolvidos, perceberam um comportamento um tanto estranho nas pessoas entrevistadas para uma simples matéria, como era até então.

De todos os jornais, o *The Washington Post* foi o único que continuou publicando matérias sobre o arrombamento. Por esse motivo, os editores ficaram receosos por serem os únicos a insistirem no assunto. Mas a dificuldades que os dois jornalistas encontraram para conseguir informações fez com que o jornal prosseguisse com as matérias. Bob e Carl cada vez mais acreditavam que algo bem maior poderia ser descoberto.

A apuração realmente deu um enorme salto com a entrada de Felt, o “Garganta Profunda”. Ele estabeleceu contato com Woodward, a princípio por meio de um bilhete, logo após, Bob colocava uma bandeirinha vermelha na sacada do seu apartamento sempre que queria alguma nova informação. Felt sempre mandava um recado no jornal que chegava à casa de Bob pela manhã marcando o horário do encontro. Eles sempre se encontravam em um estacionamento escuro.

Felt, que trabalhava no FBI, já investigava irregularidades na campanha de Nixon. A desconfiança era de que o partido dos republicanos estivesse envolvido no arrombamento que ocorreu ao Edifício Watergate, em 1972, e em outras conspirações contra o partido dos democratas.

Felt informou Bob sobre as notas encontradas no bolso dos arrombadores e disse, inclusive, que havia um cheque de 25 mil dólares na conta de um dos arrombadores, cedido por Kenneth Clawson, vice-diretor de comunicações da Casa Branca.

Após muita apuração, Bob e Carl chegaram à conclusão de que desde 1971, um ano antes de deixar o Departamento de Justiça para ser coordenador de campanha de Nixon, John Mitchell estava à frente de um fundo de arrecadamento da Casa Branca utilizado para coleta de informações sobre os democratas.

A fonte informou ao jornalista que o fundo de arrecadamento era tocado por Haldeman, mas Mitchell era o “cabeça”. Após dois anos de apuração, os jornalistas descobriram que os principais suspeitos eram: Haldeman, assessor de Nixon,

Mitchell, Stans, Magruder, Segretti e Kalmbach todos integrantes do partido do então presidente Nixon.

Mesmo após várias matérias publicadas no Post, mesmo após os jornalistas terem descoberto que se tratava de uma conspiração dos republicanos contra os democratas, Nixon foi reeleito e afirmou que não renunciaria ao cargo de presidente. Mas em agosto de 1974, após um processo de *impeachment* movido pelo Senado norte-americano, com aparato das reportagens do Post, Nixon foi obrigado a renunciar ao cargo.

O “Garganta Profunda” passou informações durante dois anos para o repórter Bob Woodward sobre as irregularidades no governo. Conforme ficou acertado entre eles, os jornalistas só poderiam abrir a fonte, ou seja, dizer quem era o informante após a sua morte. A fonte ficou escondida por 33 anos.

O trabalho de Bob e Carl fez com que 21 acusados fossem parar atrás das grades. Woodward e Benstein ganharam o prêmio *Pulitzer* pelas reportagens que fizeram com que o presidente Nixon renunciasse ao cargo.

4.1.3 No filme: Bob e Carl

Bob e Carl nunca deixaram de se identificar como jornalistas do *The Washington Post* ou inventaram identidades falsas; jamais receberam informações através de *press releases*; sempre tiveram que ir para as ruas apurar os fatos; receberam muitas portas na cara e nem por isso desistiram; foram persistentes e arranjam maneiras diferentes, porém honestas para se conseguir as informações.

Os jornalistas foram em busca de informações em locais que sequer sabiam se poderiam conseguir algo e as encontraram onde nem se imaginava. Desvendaram o maior escândalo político dos Estados Unidos com o próprio esforço. Fizeram aquilo que deveriam fazer. Apuraram os fatos em vez de receberem informações prontas ou apenas compilarem material enviado por agência ou mesmo dos materiais que já foram divulgados na internet.

O importante a se destacar dessa impressionante história é que ambos jornalistas provaram que é possível se desvendar uma história, seja ela quão complexa for, sem a necessidade de alguma mentira ou falso testemunho.

Bob e Carl podiam até ter a noção de que todos os nomes da lista que receberam tinham alguma informação a passar, mas não tinham ideia do quão importante ou revelador a informação poderia ser. Ainda assim, apuraram sem jamais desistir ou desacreditar no poder do trabalho da imprensa.

A pergunta que não se pode deixar de fazer é que ninguém poderia imaginar até aquele momento que o trabalho de dois jornalistas, representantes da imprensa, poderia decidir o rumo de um país. Ninguém poderia imaginar que a investigação de um caso de arrombamento a um edifício pudesse fazer com que um político tivesse que renunciar ao cargo de presidente da república.

Todos os homens do presidente já tem mais de 30 anos de existência e é provável que muitos ainda não conheçam o fato ou mesmo os responsáveis pela descoberta dos fatos. É importante que as escolas de jornalismo indiquem o livro e o filme como uma ótima opção para os alunos, pois além de apresentar um marco histórico político, representa as atitudes que se esperam dos jornalistas no decorrer da profissão.

Como já dito neste trabalho, os personagens perseguem fins desde o início do filme e esperam, tanto no decorrer, quanto ao final da história, alcançarem os principais objetivos. Pode-se dizer que Woodward e Bernstein conseguiram obter sucesso naquilo que desejavam.

Além do reconhecimento que conseguiram alcançar, Bob e Carl deram uma aula de ética para os jornalistas e futuros jornalistas. É provável que tenham feito também com que alguns que não colocavam crença na profissão dos jornalistas passassem a acreditar que a imprensa é um poder que deve e pode ser utilizado em prol da sociedade.

4.1.4 Eticamente falando

Ao levar a ética em conta, é sempre bom se lembrar que ela faz parte de uma trama de atitudes que podem proporcionar tranquilidade, comodidade para o próximo. No caso do trabalho dos jornalistas, quando estes estão à procura dos fatos como realmente ocorreram, quando estes fazem questão de repassar à sociedade uma informação com o máximo de veracidade possível, é exatamente aí

que a ética se representa em sua mais bela forma. Isso porque os jornalistas, ao escolherem essa profissão, prometem trabalhar em prol da sociedade.

Se fosse necessário se dar um exemplo de jornalismo realizado por meio da preocupação com o bem estar da sociedade, Bob e Carl representam esse tipo de jornalismo. Talvez Kant ficasse muito orgulhoso ao saber que os dois personagens/jornalistas nunca mentiram para conseguir uma informação, conseguiram desvendar o maior caso político dos Estados Unidos e o melhor: agiram como se fossem obrigados, como se o dever fosse descobrir a verdade.

Bob e Carl levaram o outro em conta, neste caso. Levaram a sociedade em conta. Ter reciprocidade com o próximo, se preocupar com o que será bom para o próximo, ignorar o outro, conhecer o outro, tudo isso ratifica a ética de cada um. Ter essa preocupação já é uma atitude com moral, de acordo com Silverstone.

É possível que em um caso como Watergate algumas mentiras fossem necessárias para se atingir, finalmente, a verdade, ou seja, uma atitude assim talvez até fosse compreensível ao se pensar no que seria descoberto. Mas ainda assim, Bob e Carl jamais utilizaram o chamado “código moral provisório”. Sempre mantiveram constância nas atitudes e provisória, na atuação deles, foi apenas a ética profissional.

4.1.5 Quanto aos personagens

Não seria surpresa descobrir que os jornalistas ganharam a imortalidade na cabeça das pessoas por serem vistos como exemplo a ser seguido, como jornalistas éticos ou mesmo como dois loucos que tiveram muita sorte ao descobrir tudo o que descobriram.

O que não se pode negar é que os dois personagens representam fielmente aquilo que Brait bem defendeu: o personagem habita a ficção, um espaço diferente daquele que se habita na vida real, ainda assim, essas duas realidades se relacionam. Essa relação se dá a partir do momento em que os personagens imitam a vida real. Os dois jornalistas realmente existem e através do trabalho conseguiram desvendar o caso. Além disso, um sempre pode representar uma história que ocorreu na vida real.

O cinema necessita da vida real como ferramenta de estudo e a vida real necessita do cinema como um representante do que ocorre e do que as pessoas fazem ou deixam de fazer enquanto vivem.

Algumas características do personagem contribuem para que o espectador saiba desde cedo quais serão as atitudes de determinado ator. Tanto Carl, quanto Bob foram determinados e espertos, e isso pode ser percebido desde o início da história. Bob, por desconfiar de uma afirmação que poderia passar batida; e Carl por ir atrás de informações sem nem mesmo seu chefe lhe pedir isso.

Field defende que um personagem é um ponto de vista. Bob e Carl defenderam o mesmo ponto de vista do início ao fim da história. E por causa dele, pela insistência em desvendá-lo, alcançaram fama e reconhecimento. Ambos jornalistas conseguiram, ao final da história, conquistar aquilo que angariavam desde o início da trama.

4.2 O preço de uma verdade

O desejo de se subir na vida rapidamente, a vontade de se alcançar o sucesso profissional, ou mesmo o reconhecimento no meio jornalístico fez com que Stephen Glass, um jornalista de 24 anos, forjasse reportagens em uma das maiores revistas dos Estados Unidos: *The New Republic*. É a revista que se orgulha de ser a única a frequentar o avião presidencial.

Stephen Glass (representado no filme por Hayden Christensen) evoluiu em pouco tempo de redator sem importância, em Washington, para um redator respeitado e querido entre os colegas de trabalho. O jovem também trabalhou como *freelancer* em revistas de grande circulação, como *Rolling Stone*, *Harper's* e *George*.

O filme, com o título original de *Shattered Glass* (Atitude impensada) é de 2003 e conta a história verídica de um jornalista que foi capaz de criar histórias e até mesmo anotações para que os editores e colegas de trabalho jamais descobrissem a farsa. Na realidade, Stephen escreveu ficção que foi publicada como realidade.

4.2.1 Personagem: outro ponto de vista

O trabalho dos jornalistas e da imprensa já foi abordado em muitos filmes e ainda será em vários outros. Mas poucos foram capazes de representar com tanta fidedignidade a questão da ética profissional – neste caso, a falta dela. Não se pode esquecer que a história contada no filme realmente aconteceu e foi alvo de muitas discussões.

A revista *The New Republic* foi publicada pela primeira vez em 1914. Desde o princípio, foi ligada à política. Em 1998, eram 15 redatores/editores contratados. A faixa etária dos jornalistas era de 26 anos e Stephen Glass era o mais jovem de todos e talvez o mais querido pelos editores e repórteres.

Steve, como era chamado pelos colegas de trabalho, acreditava que era possível se destacar na profissão e entre os colegas por meio da humildade. Trazer almoço para um colega que está com o prazo apertado, lembrar de datas de aniversários, ser amistoso, retraído, solícito. Todas essas foram artimanhas encontraram por Stephen para que ele fosse querido por todos e, claro, para que jamais desconfiassem da veracidade dos textos que escrevia.

Na realidade, não se pode afirmar que atitudes como essas foram apenas estratégias do jovem. O que se pode afirmar com certeza é que Steve era visto como um gênio. Aquele que sempre conseguia trazer as pautas mais espirituosas, curiosas, excêntricas para a redação. Pautas com histórias que faziam com que os outros jornalistas acreditassem que o importante mesmo é estar no lugar certo, na hora certa. Mas por que Glass estava sempre por perto dessas histórias inacreditáveis e, claro, as melhores para se estarem em uma revista? Por que Glass era tão sortudo assim? Era o que alguns jornalistas se perguntavam.

Em pouco tempo, Steve alcançou o que tanto queria: sucesso e reconhecimento no meio. Fazia parte do quadro de repórteres de grandes revistas dos Estados Unidos. Era conhecido por ter publicado muitos artigos, e quase todas as histórias eram inacreditáveis de tão boas, inusitadas, diferentes, enfim, do jeito que os editores realmente queriam. Stephen sempre trazia histórias que divertiam a todos.

É que no fundo Glass era tão inteligente que havia conseguido entender a lógica da profissão [para alguns jornalistas antiéticos] e utilizava isso a seu favor, para conseguir se manter no topo, independente das mentiras que inventava para se estar lá.

Steve acreditava que no jornalismo existem muitos “exibicionistas, arrogantes, idiotas”. Para ele, os jornalistas estavam sempre querendo parecer melhores do que realmente são. A partir do momento em que compreendeu isso, Glass sempre tinha um elogio para algum colega do trabalho, o que contribuiu para que ele conseguisse o carinho e reconhecimento de todos.

“Paraíso dos *hackers*” foi a maior e mais reconhecida reportagem escrita por Steve. O artigo contava a história de um *hacker* de 12 anos que havia conseguido adentrar a rede de computadores de uma grande empresa e que, após ser descoberto, teria sido contratado por essa mesma agência. Em troca da contratação, o menino queria a assinatura vitalícia da *Playboy* e uma viagem à Disneylândia.

Foi justamente nessa reportagem em que ele foi desmascarado. Jornalista de uma revista digital (*Forbes Digital Tool*), Adam Penenberg resolveu pesquisar as informações da matéria, já que foi censurado por seu editor por não ter feito a cobertura do fato. Penenberg não conseguiu informações na internet e acabou chegando à conclusão de que a reportagem de Steve era mentirosa.

Glass ainda negou que havia forjado a reportagem. Assumiu, no máximo, que poderia ter sido enganado pelo *hacker*. Chegou a criar um site falso, telefones falsos, inventou uma conferência dos *hackers* que jamais aconteceu, pediu para o irmão se passar por outra pessoa ao telefone para que nem a revista, a *Forbes Digital*, nem Charles Lane (representado pelo ator Peter Sarsgaard), seu editor, descobrissem todas as mentiras.

A história faz refletir, pois quando se pensa que o objetivo de um jornalista deve ser guiar a sociedade, nortear, passar informações que podem servir para que as pessoas saibam o que fazer, logo se tem a ideia de que contar com um jornalista antiético como Steve com certeza colocará tudo a perder.

Glass inventou histórias, muitas histórias. Dos 41 artigos que escreveu para a *The New Republic*, 27 foram forjados. Enquanto isso ocorria, milhares e milhares de leitores da revista se divertiam com as lorotas do jornalista. O jornalista ganhava fama e reconhecimento em cima de mentiras, em cima de ficção. Mas não se pode esquecer que o jornalismo trabalha com a realidade.

O preço de uma verdade tem apenas uma coisa em comum com *Todos os homens do presidente*: ao final da história, um objetivo foi alcançado. Glass acabou desmascarado e com isso perdeu a credibilidade no meio jornalístico. O objetivo do

jornalista não era esse, é claro. O melhor para ele seria continuar inventando histórias e enganando a todos. Mas o objetivo final de Glass acabou em concordância com o objetivo final de Woodward e Benstein: o mais importante é se trabalhar com ética e a procura da verdade.

De nada adianta fazer tanto sucesso se tudo não passa de uma mentira que um dia será descoberta. E é justamente nesse momento que faço questão de destacar o papel de Charles Lane, o editor de Stephen. Chuck Lane, como era conhecido, não era tão querido quanto Glass, aliás, muitos não gostavam dele. Mas foi a partir das atitudes éticas que ele tomou que foi possível se enxergar alguma ética na prática da profissão.

Glass queria que Chuck o defendesse. Mas o editor defendeu a ética profissional e foi contra as mentiras do jovem jornalista. Até porque, além de Steve ter criado histórias, mentido para todos e principalmente (e mais importante) para a sociedade, aqueles que dependem do jornalismo, ele não apurou as informações como bem fizeram Woodward e Benstein.

Conforme dito por Kovach e Rosenstiel, as pessoas possuem certa necessidade em receber informações, em saber o que acontece em outros locais do planeta, e isso não deve fazer com que o jornalista trabalhe sem comprometimento com o público e com a verdade. Saber o que acontece com o próximo, se espelhar, se imaginar na mesma situação são atitudes do ser humano.

Como bem disse Kovach e Rosenstiel:

As pessoas precisam de informação por causa de um instinto básico do ser humano, que chamamos de Instinto de Percepção. Elas precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além de sua própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas. (Kovach; Rosenstiel, 2003, p. 36)

E o que fazer quando a sociedade ler em uma revista ou em um jornal, assiste na televisão ou escuta no rádio uma notícia fantasiosa? Como é possível se guiar por uma informação que é mentirosa? São perguntas como essas que fazem com que a ética seja cada vez mais vista como um dever do profissional.

4.2.2 E quanto à ética?

Enquanto Glass passava aos colegas de trabalho a impressão de ser um jovem que agia com respeito pelo próximo e com ética pela profissão, ele jamais trabalhou em conformidade com a “ação correta”, aquela que Costa tanto defende em seu livro. A ética profissional para ele nem era colocada em prova.

Pensar no que Kant acreditava que fosse agir eticamente, é averiguar que o jovem jornalista não tinha a ética como um bem maior, pois Steve não via obrigação nenhuma em falar a verdade para a sociedade. Talvez, a mentira fosse a sua obrigação para que pudesse ser um homem livre.

É claro que a verdade em absoluto não existe. Falo da insistência em mentirinhas, no caso de Steve, de grandes mentiras, que para ele eram tidas como corretas, quando na verdade se tornaram a maneira pela qual ele realizava o trabalho de maneira antiética. Trata-se de meios errôneos para se alcançar fins egocêntricos.

Kant defendia a atitude ética como uma obrigação, como um dever para se ser um homem livre. Já Steve acreditava que a mentira era o seu dever, pois o seu bem maior não era a verdade dedicada à sociedade, e, sim, o sucesso que alcançava através do que inventava.

Acredito que não seja errado se afirmar, assim como Karam afirmou, que a ética é oriunda da trajetória dos homens na terra. E ética não deixa de ser uma atitude um tanto subjetiva: posso saber qual o meio correto e preferir mentir; o que é errado para mim pode não ser para outros, ainda que os códigos éticos possam ser pesquisados sempre que necessário.

Acima disso, está o compromisso com a profissão e por conseqüência o compromisso com a sociedade. Mas, como já dito neste trabalho, a ética é um produto que se coloca em prova a cada nova situação, a cada novo contato com o próximo. Talvez Steve nunca tenha aprendido que agir moralmente significasse ter respeito pelo próximo.

Por fim, não se pode deixar de relatar que, de acordo com Kovach e Rosenstiel, a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade e essa com certeza não foi maneira pela qual Steve trabalhou. Ao analisar as atitudes de Steve, é possível se afirmar que ele agiu sem compromisso com a verdade, com a sociedade, com um bem maior.

4.2.3 Stephen Glass: quanto ao personagem

Um personagem pode representar algo relacionado ao interesse da natureza humana, de acordo com Pallottini. Representa uma paixão humana. Um personagem apresenta, antes de tudo, um desejo particular que se dirige ao universal. Glass concebeu um jornalista que criava fatos em troca de audiência, e, assim como qualquer personagem, quis ir até o fim perseguindo os seus propósitos individuais.

Steve mentiu enquanto pode, mas foi contido ao ser descoberto por Chuck, seu editor. A verdade é que, conforme defende Boal, um personagem tem sua liberdade limitada a partir da vontade de outro personagem, que também tem o direito de se manifestar. Além disso, um personagem também pode seguir forças econômicas ou sociais, o que faz com que ao final do filme, ainda que parecesse “coitadinho”, Steve tenha sido desmascarado.

Steve foi brechado por causa da vontade de Chuck, que era considerada a mais correta, por excluir uma atitude baseada no “código moral provisório” e dar lugar a atitude ética que se espera de um jornalista. O editor queria a verdade acima de tudo e Steve só conseguia oferecer a mentira, que sempre foi o seu meio de trabalho.

4.3 Consequência

4.3.1 Verdade ou mentira

Antes de tudo, é necessário se relembrar que para Costa a ética está ligada à questão da verdade, pois para ele a verdade sempre será parcial, incompleta. Em contrapartida, Sartre fala sobre o “código moral provisório”, aquele que alguns utilizam como mecanismo para explicar algumas mentirinhas que são contadas. Mente-se porque alguns assuntos necessitam que uma mentira seja contada, para que, assim, a verdade seja descoberta.

Tomando esses dois pensamentos como base, me arrisco a afirmar que tanto os jornalistas do cinema, quanto os jornalistas da vida real vivem nessa corda bamba entre a verdade e a mentira. A verdade que pode parecer impossível, mas quanto mais próximo da preocupação com o outro o jornalista estiver, a verdade estará sempre menos distante. Da mesma forma que a mentira distancia o profissional de atitudes consideradas éticas.

O jornalista que decide assistir ao filme *O preço de uma verdade* possivelmente poderá se identificar com a redação da revista *The New Republic*, mas não se imaginar inventando fatos como o personagem Stephen Glass inventou.

De qualquer maneira, como já dito aqui neste trabalho, os personagens perseguem fins, trabalham para que a vontade do início se realize ao final da história. Na vida real, algo pode levar bem mais de uma hora e meia ou duas para se concretizar.

Conscientemente, o jovem personagem Steve desejava alcançar sucesso como jornalista e não queria jamais que a farsa que criou fosse descoberta. Muitas vezes, para algumas pessoas, ser querido entre os colegas de trabalho, ganhar espaço no meio, reconhecimento pelos superiores é muito mais importante do que trabalhar com a verdade que se dedica ao próximo, à sociedade.

O jovem, independente de ter aprendido na faculdade o valor da ética e o espaço que ela deve ganhar no decorrer da profissão, perseguia apenas a audiência, o reconhecimento no meio. O que fez com que ele inventasse pautas, criasse histórias, muitas vezes inacreditáveis, inventasse fontes que jamais existiram. Sucesso? Sim, isso ele conseguiu. Acontece que a longo prazo, tanto na vida real quanto na ficção, o jornalista acabou alcançando aquilo que nunca quis, mas que sempre soube que poderia ser o seu futuro: perder a credibilidade e ganhar o desprezo dos colegas de profissão.

A verdade é que Steve gostaria de prosseguir sem jamais ser descoberto. Mas, assim como acredita Augusto Boal, a liberdade deste personagem se acaba a partir do momento em que a liberdade do outro se inicia. A maior verdade de todas é que, sim, um jornalista em início de carreira, apenas com uma mente brilhante como mecanismo de defesa, conseguiu enganar editores, repórteres, colegas de trabalho de uma das maiores e mais conhecidas revistas do mundo.

Em contrapartida, outros personagens da ficção (Woodward e Bernstein), trabalharam em prol da grande descoberta de todos os tempos. Tudo o que desejavam era conseguir as informações necessárias para colocar na mídia a verdade que todos precisavam saber. Para isso, eles não precisaram criar nenhum fato.

Repórteres investigativos, Woodward e Bernstein alcançaram, ao final da história, a grande descoberta de 1974 e ganharam em troca o tão esperado reconhecimento que Stephen Glass possuía desde o início da sua história, mas que não soube conquistar do jeito correto, nem mesmo mantê-lo.

Um personagem é um ponto de vista. Talvez essa frase não faça sentido a princípio, mas, sim, um personagem é um ponto de vista porque ele defende aquilo que acredita, normalmente, do início ao fim da história. Segui-lo é uma escolha. Fazer na vida real aquilo que ele fez na ficção é uma questão de ponto de vista, utilizá-lo como exemplo para as atitudes a serem praticadas daí para frente é, sim, uma decisão. Repetir as atitudes antiéticas de um personagem de cinema é uma escolha.

Durante a prática da profissão, Steve manteve, para conseguir algumas informações, uma postura que se pode chamar de equivocada. Inventar pautas, criar eventos que jamais ocorreram é o mesmo que querer inventar uma realidade fantasiosa. O pior de tudo isso é saber que a sociedade não pode contar com o trabalho deste jornalista, pelo menos deste.

É possível se afirmar que na visão de Kant, o trabalho de Woodward e Bernstein foi a maneira mais ética, e, portanto, a que se espera de um jornalista. Isso porque Kant acreditava que agir eticamente implicava em seguir uma lei maior, ou seja, ambos os jornalistas ao mesmo tempo em que estavam à procura dos fatos como realmente eram, estavam também agindo de acordo com um bem maior: a ética profissional.

Woodward e Bernstein são os jornalistas tidos como incansáveis, insistentes, pacientes, estratégicos, investigativos. Ambos perseguiram a verdade até as últimas consequências. Mesmo nos momentos em que passar uma identidade mentirosa poderia contribuir com a apuração do caso poderia garantir o sucesso da matéria, os jornalistas preferiram ser honestos.

O sucesso da matéria não vem de um trabalho de jornalista ocioso e egocêntrico, mas de profissionais que trabalham à procura da verdade, de incansáveis jornalistas que só descansaram após a sociedade ter sabido do caso.

5 Considerações Finais

Ainda acredito que a ética profissional é, sim, um valor, um valor impalpável, como já dito aqui, mas um valor único e que pode mudar completamente a categoria da comunicação. A ética, atitudes éticas podem valorizar ainda mais o jornalismo, pois a comunicação é, muitas vezes, utilizada como base para a sociedade. Os jornalistas apresentam aquilo que os seres humanos fornecem; e os seres humanos acabam confiando nos jornalistas, além de dependerem do trabalho deles.

Se um jornalista é capaz de inventar histórias, de forjar provas, de acrescentar aspas de quem jamais se pronunciou, de manipular pessoas para se conseguir o que deseja esperando em troca, fama, sucesso, *status*, reconhecimento no meio, dinheiro, enfim, se um jornalista mente, ele mente para a sociedade, e ele prova para a sociedade que não se preocupa com a verdade.

O personagem Stephen Glass alcançou fama e reconhecimento em cima de enganações. Ele acabou enganando, antes de tudo, o público leitor da revista *The New Republic*, sem sombra de dúvidas, os maiores prejudicados com todas as mentiras do jornalista. Enganou os colegas de trabalho, editores, mas enganou principalmente aqueles que depositaram confiança no veículo e resolveram comprar a revista ao invés de outra.

Acredito que o cinema também é capaz de servir de exemplo, de ditar novas tendências ou até mesmo de representar aquilo que os seres humanos vivem na vida real. O cinema, também representa a realidade, porém uma realidade já vivida ou que ainda será vivida. Uma realidade que saiu da cabeça de alguém, uma realidade inventada, criada para ser vivida na ficção, mas utilizada muitas vezes como “aquilo que a vida é”.

Carl Bernstein e Bob Woodward representaram no filme o melhor exemplo que se pode ter de bom jornalismo, de bons profissionais, de ética acima de tudo, de preocupação e honestidade com os que receberão as informações. Um jornalista que resolve assistir *Todos os homens do presidente* entende, finalmente, o que é ética profissional e sente orgulho por fazer parte da categoria, por poder também prestar serviço à sociedade com honestidade. Carl e Bob deram exemplo de dignidade, honestidade e verdade, principalmente, ao correrem atrás da informação e apurá-la como deve ser.

Woodward e Bernstein, sim, representam as atitudes que se esperam de jornalistas corretos e envolvidos com a sociedade, cientes do papel que desempenham aos olhos da sociedade. Não saber o que estava acontecendo, não obter informações, não saber com quem falar, não ser recebido por nenhuma fonte, não ter sossego, e até correr risco de vida, nada disso impediu que os dois prosseguissem com as investigações e descobrissem aquilo que a sociedade merecia saber.

Ter consciência de que a sociedade depende da apuração do jornalista já é meio caminho andado. Mas a sociedade não só depende como utiliza as informações que recebe para saber se guiar no mundo, ou ao menos na sociedade em que vive. O que é muito mais importante. Se a sociedade conta com jornalistas mentirosos, a base que terão será construída em cima de mentiras, e, portanto, uma farsa.

Ao final deste trabalho chego à conclusão de que o jornalismo está cada vez mais entranhado naquilo que posso fazer em relação ao outro, ao próximo. Ser ético não precisa ser visto como um trabalho árduo, mas sim uma opção a ser seguida e respeitada, porque respeitá-la significa respeitar o próximo e aquilo que ele significa.

Compreendo também que o cinema está incluso em uma categoria da comunicação. É algo bem maior, sim, sem sombra de dúvidas. Mas não se pode negar que o cinema emana informação e representação do que os seres humanos são ou podem ser, em muitos casos. Além disso, assim como a imprensa, o cinema, um filme, um personagem de determinado filme pode servir também como base para aquilo que os seres humanos farão, para aquilo que profissionais exercitarão.

Defendo que trabalhar como Stephen apenas mancha a importância do ofício e deixa repleta de mentiras a vida de todos. Mas Bernstein e Woodward existem para provar que o contrário é possível: ser honesto com o próximo para conseguir as informações corretas apenas demonstra o poder e necessidade que todos têm em relação ao jornalismo.

A sociedade depende do jornalismo para estar a par do que acontece no mundo, ou mesmo com o vizinho; a sociedade depende do jornalismo e confia que o que receberá será verdadeiro, e, portanto, de confiança. Poder confiar no jornalismo e nos seus representantes é poder confiar que a verdade está sempre em primeiro lugar.

Agir eticamente não é uma utopia, não é assim tão difícil, não deve ser encarado como um bem a ser seguido, porém complexo demais para o tal. Agir eticamente torna-se ainda mais fácil ao se pensar no próximo e no bem que será feito simplesmente pela escolha em se repassar apenas a verdade.

Referências

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo, Ática, 2004.

CORNU, Daniel. *Ética da informação*. Bauru, SP: Edusc, 1998.

COSTA, Caio Túlio. *Ética, jornalismo e nova mídia: Uma moral provisória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FIELD, Syd. *Manual do roteiro: Os fundamentos do texto cinematográfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1979.

HOWARD, David; MABLEY, Edward. *Teoria e prática do roteiro*. São Paulo: Editora Globo, 1993.

KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.

NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: construção do personagem*. São Paulo, Ática, 1989.

ROSENSTIEL, Tom; KOVACH, Bill. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra: Minerva, 2000.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo: editora brasiliense, 1986.

WOODWARD, Bob; BERNSTEIN, Carl. *O homem secreto: a história do Garganta Profunda de Watergate*. Rio de Janeiro, Rocco, 2005.

YIN, Roberto K. *Estudo de caso*. 2ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2001.

Internet

Adoro Cinema. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/shattered-glass/>>. Acesso em 01/10/2010

Adoro Cinema. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/todos-os-homens-do-presidente/>>. Acesso em 25/10/2010

Adriano Messias de Oliveira. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-adriano-homens-presidente.html>>. Acesso em 25/10/2010

Canal da Imprensa. Disponível em <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/cultura/quarent2/cultura1.htm>>. Acesso em 01/10/2010

Em cartaz. Disponível em <http://emcartaz.jornalismo.ufsc.br/todos_os_homens.htm>. Acesso em 04/11/2010

Livraria Resposta. Disponível em <<http://www.livrariaresposta.com.br/v2/produto.php?id=5751>>. Acesso em 04/11/2010

Overmundo. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/jornalismo-com-etica>>. Acesso em 25/09/2010

Recanto das Letras. Disponível em <<http://recantodasletras.uol.com.br/resenhasdefilmes/2004674>>. Acesso em 01/10/2010

Sopa de Letrinhas. Disponível em <<http://clarissapacheco.wordpress.com/2008/04/30/o-preco-de-uma-verdade/>>. Acesso em 01/10/2010

UOL Cinema. Disponível em <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2006/02/20/ult1817u4370.jhtm>>. Acesso em 25/10/2010